A PESTE

de Albert Camus
(1913-1960)

Resumo da Narrativa

"A Peste" foi escrita por Albert Camus em 1947 e foi seu primeiro sucesso editorial, com cento e sessenta e um mil exemplares vendidos nos primeiros cinco anos. O primeiro nome em que Camus pensou para a obra teria sido *"Les Exilés".* A ação se passa no início da década de 40 na cidade portuária de Orã, *"uma cidade feia, de aspecto sossegado... cidade sem pombos, sem árvores e sem jardins... e que volta as costas à baía...".* Orã é a segunda cidade maior da Argélia francesa com cerca de duzentos mil habitantes. Além dos nativos e dos franceses, há na cidade significativa população espanhola. Camus chama a obra de "crônica", mas é na verdade um romance estruturado em cinco atos, como uma tragédia grega.

1ª Parte

No dia 16 de abril de 194., o doutor Bernard Rieux descobre o cadáver de um rato sobre o patamar do seu andar. O porteiro, senhor Michel, julga tratar-se de arruaceiros divertindo-se em espalhar ratos mortos no edifício. À noite, ao procurar suas chaves, Rieux percebe outro rato, desta vez agonizante. No dia seguinte ao meio-dia, Rieux acompanha à estação sua mulher que, doente, procura tratamento numa cidade próxima. A mãe do médico chegaria na seqüência para ajudá-lo na ausência da mulher. Alguns dias depois, a agência de notícias Ransdoc anuncia terem sido recolhidos mais de seis mil ratos naquele mesmo dia. Os roedores saem em massa de seus esconderijos e morrem na rua. A angústia cresce. Algumas pessoas começam a culpar a prefeitura. De repente, a quantidade de animais mortos diminui, as ruas recuperam a limpeza e a cidade crê-se salva.

O porteiro Michel, no entanto, cai doente e piora rapidamente.

> *"Rieux encontrou o doente (*o zelador*) meio fora da cama, uma das maos na barriga, a outra no pescoço, vomitando com grandes arrancos uma bílis rósea no urinol. Depois de longos esforços, sem fôlego, o porteiro deitou-se. A febre subia a trinta e nove e cinco, os gânglios no pescoço e os membros estavam inchados, duas manchas escuras alargavam-se no flanco. O homem se queixava de violentas dores:*
> *– Isto queima, esta porcaria me queima.*
> *A boca fulginosa mastigava as palavras, os olhos cheios de lágrimas se voltavam para Rieux. A mulher olhava com ansiedade o médico silencioso.*
> *– Doutor, disse afinal, que é que ele tem?*
> *– Ainda não se pode saber. Até a noite, dieta e depurativo. É preciso que ele beba muito."*
> (págs.72-73)

Rieux não pode fazer nada para salvá-lo. O porteiro acaba sucumbindo a um mal violento e misterioso.

> *"A morte do porteiro marcou o fim daquele período cheio de sinais desconcertantes e o princípio de outro mais difícil: a surpresa do começo pouco a pouco se transformou em pânico. Os habitantes nunca haviam suposto que a cidade fosse um lugar particularmente designado para os ratos morrerem à luz do sol e os porteiros serem vítimas de estranhas doenças. Tinham cometido um erro, e as suas idéias deviam alterar-se. Se fosse apenas isso, a gente se acostumaria. Mas as pessoas que não eram porteiros nem pobres tiveram de seguir o exemplo de Miguel – e aí surgiram a reflexão e o medo."* (pág.75)

Ao chegar na periferia, à casa de um cliente velho, um asmático, Rieux é convocado por um dos vizinhos, José Grand, funcionário da Prefeitura, a atender um morador do prédio que havia tentado o suicídio por enforcamento. Trata-se de Cottard, sujeito baixinho, solitário, endinheirado e misterioso que está principalmente preocupado com que a tentativa de suicídio não seja relatada à policia.

Durante a consulta, o velho cliente de Rieux comenta: *"'Eles estão saindo, hein, doutor?' Disse o homem durante a injeção. 'O senhor viu?'".* O assunto dos ratos dominava as conversas.

Todos os dias, os mortos com os mesmos sintomas do velho porteiro aumentam na cidade. Rieux consulta o serviço municipal de desratização e seus colegas. O doutor Castel, experiente, diagnostica a peste bubônica. Após idas e vindas burocráticas, Rieux convence as autoridades de que se trata de epidemia e se decide "fechar" a cidade, por terra, ar e mar.

> *"– Quando um micróbio, disse Rieux depois de curto silêncio, é capaz de em três dias quadruplicar o volume de um rato, dar aos gânglios mesentéricos o tamanho de uma laranja e a consistência de papa, não autoriza hesitações. Os focos de infecção cada vez mais se estendem. Se a doença continuar a propagar-se desse jeito, pode matar metade da população em dois meses. Pouco importa que lhe demos o nome de peste ou de febre. O essencial é impedir a morte de metade da população."* (pág.93)

2ª Parte

Orá, aos poucos, aprende a viver no isolamento. A "prisão" e o medo modificam todos os comportamentos individuais: *"a peste nos preocupou a todos",* diz o narrador.

Os habitantes devem lidar com o isolamento tanto com relação ao exterior da cidade como com relação ao interior.

> *"Um dos resultados extraordinários do fechamento das portas foi a súbita separação das criaturas que não se achavam para isto preparadas. Mães, filhos, amantes, esposos, que, dias antes, na estação, se haviam despedido com duas ou três recomendações, julgando provisória a ausência, certos de reverem-se logo, submersos na estúpida confiança humana e momentaneamente distraídos de suas preocupações habituais pela partida, viram-se de chofre irremediavelmente afastados e impedidos de juntar-se ou comunicar. Pois o fechamento da cidade precedera de horas o decreto da prefeitura, e naturalmente era impossível examinar casos particulares. O primeiro efeito brutal da invasão da epidemia foi obrigar os habitantes a proceder como se estivessem destituídos de sentimentos individuais. Quando entrou a vigorar o decreto a prefeitura foi assaltada por uma multidão que, pelo telefone ou junto aos funcionários, expunha casos interessantes e impossíveis de resolver. Na verdade, foram precisos muitos dias para sabermos que naquela situação findavam compromissos e as palavras transigir, favor e exceção já não tinham sentido."* (págs.105-106)

Não se consegue comunicação com parentes e amigos fora da cidade. As cartas estão proibidas. Comunicações telefônicas só em caso de morte, nascimento e núpcias. Só estão autorizados telegramas de dez palavras. Em junho, Raymond Rambert, um jornalista parisiense "preso" na cidade pelo fechamento, pede ao doutor Rieux atestado de "não contaminação" para poder voltar à Paris, alegando dolorosa separação de sua mulher. Para sua decepção, Rieux nega o atestado dizendo não poder saber se ele de fato portava ou não a infecção.

"Mas, se havia exílio, era quase sempre o exílio em casa. E embora o narrador só tenha conhecido o exílio geral, não deverá esquecer indivíduos como o jornalista Rambert e outros, que mais sentiram a dor da separação, porque, viajantes surpreendidos pela peste, se viam separados do ente querido e da própria terra. No exílio geral, eram os mais exilados, pois se o tempo suscitava neles angústia igual à de outros, estavam mais limitados, a chorar sem trégua junto aos muros que separavam da pátria perdida o seu refúgio empestado. Viviam a errar na cidade poeirenta, evocando em silêncio tardes e manhãs só deles conhecidas. Alimentavam seu mal com imponderáveis sinais e desconcertantes mensagens, como um vôo de andorinhas, o orvalho noturno ou esses raios esquisitos que o sol envia de quando em quando às ruas desertas. Ao mundo exterior, capaz de nos distrair, fechavam os olhos, obstinados em acariciar fantasias muito reais, seguir com todas as forças imagens de uma terra onde certa luz, duas ou três colinas, a árvore predileta e rostos de mulher formavam para eles ambiente insubstituível." (pág.109)

A quantidade de mortos sobre espantosamente. Para minimizar a tensão, os habitantes de Orã enchem os cafés, cinemas e teatros. Uma companhia de ópera, aprisionada pela interdição de sair, apresenta todas as sextas a mesma obra, o "Orfeu" de Glück, sempre para uma casa cheia.

"Orã tomou assim aspecto singular. O número de pedestres aumentou, e pessoas reduzidas à inação, pelo fechamento de casas comerciais e escritórios, enchiam ruas e cafés. Por enquanto não haviam perdido os empregos, estavam de licença. Pelas três da tarde sob um belo céu, Orã dava a idéia falsa de uma cidade em festa, onde tivessem abolido o trânsito e fechado lojas para facilitar qualquer manifestação pública, permitindo aos habitantes invadir as ruas e participar dos festejos." (pág.113)

(...)

"Por outro lado, onde o comércio de vinhos e álcool tinha o primeiro lugar, os cafés puderam igualmente atender à freguesia. Para dizer a verdade, bebia-se muito. Um café anunciou que o vinho puro mata o micróbio, e reforçou-se a idéia de que o álcool afasta doenças infecciosas. Todas as noites, pelas duas da madrugada, grande número de bêbedos expulsos dos cafés povoavam as ruas, divulgando propósitos otimistas." (pág.114)

José Grand, o funcionário da prefeitura, cuja lembrança de Joana, sua mulher que o abandonara o leva às lágrimas, concentra-se em escrever um livro que não avança da primeira frase, escrita e reescrita várias vezes. O padre Paneloux, um jesuíta culto e gordo, faz sermões falando do castigo divino e convida os fiéis a meditarem sobre a punição enviada aos homens sem espírito de caridade.

"Fora a chuva redobrava, e a última frase, lançada no silêncio do auditório, mais profunda pela crepitação da água nos vitrais, ecoava de tal modo que, depois de hesitar, alguns ouvintes resvalaram pouco a pouco nos genuflexórios. Outros resolveram seguir o exemplo e, no leve rumor das cadeiras a ranger, todas as pessoas enfim se ajoelharam. Paneloux endireitou-se, respirou profundamente e recomeçou em tom mais forte: – 'Se hoje a peste fez de vós o seu alvo, é que chegou o momento de refletir. Os justos não devem recear, mas os pecadores tremem com razão. Na granja imensa do universo, a debulhadora implacável baterá o trigo humano até separar do grão a palha. Haverá mais palha que grão, mais chamados que eleitos. E, entretanto, Deus não desejou tal desgraça. Longo tempo o mundo repousou no mal, tudo esperou da misericórdia divina. Bastava o arrependimento. E os homens sentiam-se capazes de arrepender-se. Chegado o momento, saberiam, sem dúvida. Mas, até lá, nada de preocupações. A misericórdia divina faria o resto. Isso não podia continuar assim. Deus, que longamente dirigiu aos homens desta cidade o rosto piedoso, cansou de esperar, afasta os olhos. E eis-nos, privados da luz de Deus, submersos nas trevas da peste'." (pág.124)

Contrastivamente, Cottard, o "suicida", demonstra estranha satisfação frente ao estado de infelicidade geral da cidade. Segundo ele, todos os dias eram <u>dias de Finados</u>. → Touts Saints

Jean Tarrou, um jovem pesado, filho de um procurador, também de passagem pela cidade, mantém um diário com a crônica dos acontecimentos. Segundo o narrador, boa parte de suas informações vem desta fonte. Tarrou que freqüenta o apartamento de dançarinos espanhóis no mesmo prédio de Rieux, demonstraria coragem extraordinária ao pôr-se à disposição de Rieux para organizar o serviço sanitário. Segundo as normas de segurança, qualquer doente é imediatamente isolado da família e os familiares, mesmo aparentemente sãos, são postos separados em quarentena, gerando isolamentos dentro do próprio isolamento. Com a chegada do verão, a epidemia recrudesce.

> *"No calor e no silêncio, tudo tinha importância para os assombrados corações. Naquela mudança de estação, os homens pela primeira vez notaram a cor do céu e o cheiro da terra. E com horror compreenderam que o verão ia ajudar a epidemia. Os gritos das andorinhas no céu da tarde enfraqueciam, discordavam dos crepúsculos de junho, que alargavam muito o horizonte. Nos mercados, as flores já não chegavam em botão, vinham abertas e, feitas as vendas da manhã, as calçadas poeirentas cobriam-se de pétalas. A primavera extenuava-se, depois de prodigalizar milhares de flores, que desabrochavam por toda a parte, adormecia agora, lentamente esmagada ao peso da peste e do calor. Para nós, o céu de verão, as ruas que empalideciam na poeira e no tédio, tinham o mesmo sentido ameaçador da centena de mortes que nos apavoravam diariamente. Sob o sol constante, as horas tinham o gosto de sono e férias e não convidavam como antes às festas da água e da carne; batiam lúgubres na cidade silenciosa e presa, sem o tinir metálico das estações felizes. O sol da peste amortecia as cores, afastava o prazer."* (pág.136)

Rieux e Tarrou conversam sobre a situação:

> *"– Que tal acha o sermão de Paneloux, doutor?*
> *A pergunta saiu naturalmente, e Rieux respondeu com a mesma naturalidade:*
> *– Vivi muito em hospitais para aceitar a idéia de castigo coletivo. Mas, o senhor sabe, os cristãos falam assim às vezes, meio incrédulos realmente. São melhores do que parecem.*
> *– E entretanto o senhor pensa, como Paneloux, que a peste traz vantagens, abre os olhos, força a gente a pensar.*
> *O médico agitou a cabeça impacientemente:*
> *– Como todas as doenças. O que é verdade quanto aos males do mundo é verdade quanto à peste. Poderá elevar alguns, contudo, vendo a miséria e o sofrimento que origina, só um doido, cego ou covarde se resignaria à peste."* (pág.145)

declaração chave

(...)

> *"Tarrou empertigou-se na poltrona, chegou a cabeça à luz:*
> *– Acredita em Deus, doutor?*
> *A pergunta saiu ainda naturalmente, mas desta vez Rieux hesitou.*
> *– Não. Mas que significa isso? Acho-me nas trevas e procuro ver. Há muito deixei de achar isso original."* (pág.145)

(...)

> *"De repente Rieux teve um riso amigo:*
> *– Diga, Tarrou, por que se preocupa com isso?*
> *– Não sei. Talvez por causa da moral.*
> *– Qual delas?*
> *– A compreensão."* (pág.148)

3ª Parte

As vítimas são tão numerosas que é necessário enterrá-las rapidamente em fossas comuns, como se fossem animais.

> *"Bem ou mal, até o fim de agosto os nossos concidadãos foram sepultados, senão decentemente, pelo menos de modo a sugerir à administração a consciência de cumprir o seu dever. Mas é necessário avançar um pouco no desenrolar dos acontecimentos para expor as derradeiras medidas a que recorreram. De fato, a partir de agosto, a epidemia se comportou de tal maneira que o acúmulo de vítimas excedeu as possibilidades oferecidas*

pelo nosso pequeno cemitério. Em vão se derrubaram pedaços de muro, arrumaram-se os defuntos nos terrenos vizinhos. Foi preciso achar outra coisa. Decidiram a princípio fazer os enterros à noite, o que tornava dispensáveis certos cuidados. Nas ambulâncias amontoaram-se corpos, cada vez mais numerosos. E os raros transeuntes retardados que, apesar da ordem, andavam nos subúrbios depois de apagadas as luzes, vagabundeando ou em trabalho, algumas vezes encontravam longas ambulâncias brancas em desabalada corrida, a espalhar nas ruas negras um débil som de campainha. Jogavam-se os corpos nas fossas, à pressa. Antes de aquietar-se, as primeiras pás de cal lhes caíam nos rostos, a terra os envolvia e ficavam anônimos em buracos profundos." (pág.182)

A cidade toma medidas policiais para reprimir rebeliões e saques. Cães e gatos, vetores de pulgas, se encontrados nas ruas ou nas casas, são mortos a tiros. O moral dos habitantes começa a baixar na medida em que as mortes crescem – os números da epidemia são anunciados à farta pela agência Ransdoc – e as esperanças diminuem. A população se resigna a esperar, contando que o inverno debele a doença.

"Os habitantes se haviam adaptado, em falta de outro recurso. Tinham ainda, é certo, a atitude da desgraça e do sofrimento, mas embotavam-se. Aliás, o doutor Rieux supunha que a verdadeira desgraça estava ali: o hábito do desespero é pior que o próprio desespero. Antes as pessoas separadas não tinham sido realmente infelizes, havia no sofrimento delas uma luz, que se extinguira. Surgiam agora nas esquinas, nos cafés, nas casas dos amigos, plácidos e frios, o olhar dormente – e a cidade inteira parecia uma sala de espera. Os que tinham oficio trabalhavam seguindo o exemplo da peste; meticulosamente e sem brilho. Todos eram modestos. Pela primeira vez, falavam a linguagem comum, examinavam a separação como examinavam as estatísticas da epidemia. Tinham subtraído ferozmente a sua dor à desgraça coletiva; agora aceitavam a confusão. Sem memória e sem esperança, instalavam-se no presente. Para eles, tudo na verdade se tornava presente. É preciso dizer que a peste suprimira em todos o amor e a amizade. Porque o amor exige um pouco de futuro – e já não havia para nós senão instantes." (pág.185)

4ª Parte

Esta parte vai de setembro a dezembro. Todos estão cansados e fracos, incluindo Rieux.

"Observando tais fraquezas, podia avaliar a sua fadiga. A sensibilidade fugia. Quase sempre contida, endurecida, seca, explodia de longe em longe – e vinham emoções irreprimíveis. A única defesa era encerrar-se nesse endurecimento, apertar o nó que se formava nele. Era a maneira de agüentar-se, bem sabia. Quanto ao resto, poucas ilusões, e a fadiga matava as que ainda existiam. Por longo tempo, indeterminado, o seu oficio não era curar. O seu oficio era diagnosticar. Descobrir, ver, descrever, registrar, depois condenar, eis a tarefa. Esposas lhe agarravam as mãos, aos gritos: 'Doutor, não o deixe morrer.' Mas ele não estava ali para combater a morte, estava ali para ordenar o isolamento. Inútil o ódio que lia nos rostos – 'O senhor não tem coração'; disseram-lhe um dia. Sim, tinha coração. Servia-lhe para suportar as vinte horas de trabalho diário, ver morrerem pessoas feitas para viver. Servia-lhe para recomeçar todos os dias. Tinha o coração indispensável a isso. Como poderia esse coração impedir as mortes?" (pág.193)

O jornalista Rambert, após tentar sem sucesso as vias legais para deixar Orã, procura ajuda no submundo do contrabando por meio de contatos produzidos por Cottard. Após longas tratativas, consegue planejar a "fuga", mas no último momento arrepende-se e também apresenta-se ao doutor Rieux como voluntario.

"– Que faz o senhor aqui? O senhor devia estar longe.
Tarrou disse que era naquele dia, à meia-noite, e Rambert ajuntou: – 'Em princípio'.
Cada vez que um falava, a máscara de gaze inchava e se umedecia no lugar da boca. Isso tornava a conversa um pouco irreal, como um diálogo de estátuas.
– Eu queria falar com o senhor – disse Rambert.
– Saiamos juntos, se quiser. Espere-me na sala de Tarrou.
Pouco depois Rieux e Rambert instalavam-se no carro do médico. Tarrou dirigia.

– Vai faltar gasolina – murmurou à saída. – Amanhã teremos de andar a pé.
– Doutor – disse Rambert –, resolvi não partir. O meu lugar é aqui entre os senhores." (pág.204)

Atribuindo o aumento das mortes à inadequação do soro mandado de Paris, o doutor Castel desenvolve nova formulação a partir dos bacilos isolados em Orã. Os resultados são negativos, como no caso da aplicação do novo remédio ao filho menor do juiz Othon.

"Abriu os olhos pela primeira vez, olhou Rieux. No rosto cavado, máscara de argila pardacenta, abriu-se a boca e em seguida se ouviu um grito contínuo, apenas graduado pela respiração; de repente o grito encheu a sala de um protesto monótono, discorde, e tão pouco humano que parecia vir de todos os homens juntos. Rieux apertou os dentes. Tarrou desviou-se. Rambert chegou-se à cama, avizinhou-se de Castel, que fechou o livro abandonado sobre os joelhos. Paneloux examinou aquela boca infantil, manchada pela doença, cheia do grito de todas as gerações. Caiu de joelhos, e em redor acharam natural ouvi-lo dizer, em voz abafada, mas distinta, no meio da queixa anônima que não parava: – 'Meu Deus, salvai esta criança.'

Mas o menino continuava a gritar e, em roda, os doentes se agitaram. O das exclamações regulares, no fim da sala, precipitou o ritmo, e o queixume se transformou em grito verdadeiro, enquanto os outros gemiam cada vez mais alto. Uma torrente de soluços inundou a sala, cobrindo a oração de Paneloux. Rieux segurou-se à barra da cama, fechou os olhos, ébrio de fadiga e desgosto. Abriu os olhos, viu Tarrou perto:

– Preciso sair. Não posso mais suportar isto.
Súbito os outros doentes se calaram. O doutor percebeu então que o grito do menino havia enfraquecido, ainda enfraquecia, parava. Os lamentos voltaram, surdos, repercussão longínqua da luta que findava. Findara. Castel rodeou a cama e disse que tudo estava findo. A boca aberta, muda, a criança repousava entre as cobertas em desordem, agora encolhida, com restos de lágrimas no rosto." (pág.210)

A morte dramática da criança fez Rieux revoltar-se gritando ao Padre: *"Esse pelo menos era inocente, o senhor sabe."* O Padre tenta conversar com ele:

"– Por que me falou tão zangado? – perguntou uma voz perto dele. Também achei insuportável aquele espetáculo.
Rieux voltou-se para Paneloux:
– É verdade; perdoe-me. A fadiga é uma loucura. Há horas em que apenas sinto a minha revolta.
– Compreendo – murmurou Paneloux. Isto é revoltante porque excede os nossos limites. Mas talvez devamos amar o que não podemos entender.
Rieux se ergueu de repente, examinou Paneloux com a força e a paixão de que era capaz, agitou a cabeça:
– Não, padre. Tenho do amor outra idéia. E recusarei até a morte amar essa criação que tortura as crianças.
No rosto de Paneloux uma sombra se estendeu.
– Doutor – disse ele com tristeza –, agora compreendo o que se chama graça." (pág.211)

O padre Paneloux discursa na missa.

"Meus irmãos, disse Paneloux concluindo, o amor a Deus é difícil. Exige o nosso abandono total, exige que nos desprezemos. Contudo só ele apaga o sofrimento e a morte das crianças, só ele pode enfim torná-la necessária, pois é impossível entendê-la e ficamos reduzidos a aceitá-la[1]. *Eis a lição difícil que eu desejava dividir convosco. Eis a fé, cruel aos olhos dos homens, decisiva aos olhos de Deus. É necessário aproximar-nos*

NT – Por falta de clareza na tradução de Graciliano Ramos, foi dada nova tradução a este trecho: *"Mes frères, dit enfin Paneloux en annonçant qu'il concluait, l'amour de Dieu est un amour difficile. Il suppose l'abandon total de soi-même et le dédain de sa personne. Mais lui seul peut effacer la souffrance et la mort des enfants, lui seul en tous cas la rendre nécessaire, parce qu'il est impossible de la comprendre et qui on ne peut que la vouloir."* (La Peste, Gallimard, Paris)

dele. Ante essa imagem terrível, é preciso que nos igualemos. Nesse cume, tudo se confundirá e aplainará, a verdade sairá da injustiça aparente. Assim, em muitas igrejas do sul das França, os mortos da peste dormem há séculos sob as lajes do coro, os padres falam em cima desses túmulos, e o espírito que propagam vem da cinza onde há também restos de crianças." (pág;218)

Logo em seguida fica doente também e, sem pedir auxílio médico, morre segurando um crucifixo febrilmente.

Em outra visita à periferia, Tarrou e Rieux sobem no teto da casa do velho asmático. Tarrou conta sua vida e conclui:

"Assim, esta epidemia nada me ensina; sei que, junto a você, devo combatê-la. Sei de ciência certa – aprendi na vida, Rieux, você me entende – que trazemos conosco a peste e ninguém, ninguém no mundo está livre dela. E precisamos vigiar-nos sem descanso para, um descuido momentâneo, não respirar na cara de outro e levar-lhe a infecção. O eu é natural é o micróbio. O resto, saúde, integridade, limpeza, o que você quiser, tudo é conseqüência da vontade, de uma vontade permanente. O homem direito, o que não infecciona quase ninguém, é o que menos se distrai. Indispensável enorme vontade para nunca nos distrairmos. É muito doloroso viver empestados, Rieux. Mais doloroso ainda, porém, é não querer viver empestado. Por isso há uma fadiga geral, pois hoje toda a gente se contaminou. Mas alguns, que desejam curar-se, experimentam fadiga extrema, que só desaparecerá com a morte." (págs.237-238)

(...)

"– Em resumo – disse Tarrou com simplicidade –, o que me interessa é saber como um homem se faz santo.
– Mas você não acredita em Deus.
– Claro. Podemos ser santos sem Deus, é o único problema concreto que hoje conheço." (págs.236-237)

José Grand fica doente no Natal e parece condenado, mas surpreendentemente recupera-se. Atribui-se a cura ao novo soro, no entanto, começam a aparecer ratos vivos, indicando transformações no bacilo.

5ª Parte

Em janeiro, no auge do inverno, a peste regride claramente, fazendo, no entanto, suas últimas vítimas – entre elas o juiz Othon, que havia se voluntariado para cuidar de doentes para achar-se *"menos distante"* do filho – e Tarrou, que morre na casa do Dr. Rieux e de sua mãe.

"Ao meio-dia a febre chegava ao máximo. Uma espécie de tosse visceral sacudia o corpo do doente, que principiava a cuspir sangue. Os gânglios tinham deixado de intumescer, mas continuavam duros como porcas atarraxadas nas articulações, e Rieux julgou impossível abri-los. Nos intervalos da febre e da tosse, de longe em longe, Tarrou olhava os amigos. Mas os olhos passaram a abrir-se cada vez menos, e a luz que iluminava o rosto devastado ia se tornando pálida. Da tormenta que agitava o corpo em sobressaltos convulsivos tinham raros, vagos clarões, e Tarrou descaía lentamente no fundo da tempestade. Rieux via apenas a máscara inerte onde o sorriso desaparecera. Aquele homem tão próximo a ele, traspassado por golpes de lança, queimado por mão sobre-humano, torcido por todos os ventos raivosos do céu, mergulhava a seus olhos nas águas da peste, e ele não podia evitar o naufrágio. Mais uma vez devia ficar à margem, de mãos vazias e coração opresso, débil, desarmado. Veio o desastre. E lágrimas de impotência não deixaram Rieux ver Tarrou virar-se de chofre, encostar-se à parede e expirar sem queixa, como se nele se houvesse partido uma corda essencial." (pág.261)

Antes de morrer, Tarrou entrega seu diário a Rieux que, logo em seguida, recebe telegrama com o anúncio da morte de sua mulher.

"A Sra. Rieux voltou a cabeça para a janela. O doutor continuava em silêncio. Depois pediu à mãe que não chorasse. Já esperava aquilo. Mas era horrível. Nenhuma surpresa. Há meses, há dois dias, a mesma dor." (pág.263)

Com o decréscimo drástico das mortes e volta dos cães e gatos escondidos pelos donos e dos ratos, a cidade vai aos poucos voltando à normalidade. Cottard, já procurado pela justiça, enlouquece, atira a esmo da janela de seu apartamento e é levado pela polícia. Rambert volta para Paris e para sua amada.

Numa bela manhã de fevereiro, as portas da cidade se abrem. Os habitantes não esqueceriam a prova por que passaram, quando *"foram confrontados com a obscuridade de sua existência e com a precariedade da condição humana."* → assim é a vida para o existencialista camusiano

O narrador revela-se finalmente; é Rieux que declara a título de conclusão:

"... o bacilo da peste não morre nem desaparece, fica dezenas de anos a dormir nos móveis e nas roupas, espera com paciência nos quartos, nos porões, nas malas, nos papéis, nos lenços – e chega talvez o dia em que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acorda os ratos e os manda morrer numa cidade feliz." (pág.275)

(Traduzido, adaptado e muito aumentado por José Monir Nasser a partir do texto apócrifo publicado no *site@lalettre.* As citações são da edição "A Peste" da Editora Opera Mundi, Rio de Janeiro, 1973, tradução de Graciliano Ramos).